



LINGUÍSTICA GERATIVA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: A FUNÇÃO DO COMPLEMENTO NOMINAL¹

Gabriela Lages Veloso²
Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Sá Martins³

RESUMO

O presente artigo versa sobre os resultados finais do projeto de iniciação científica intitulado “Linguística Gerativa: reflexões sobre as estratégias de ensino/aprendizagem de sintaxe da língua portuguesa na educação básica”. Esse estudo tem como escopo analisar a função sintática do complemento nominal, enquanto prática pedagógica voltada para o ensino de Língua Portuguesa, no âmbito educacional do Centro de Ensino Paulo VI. Vale ressaltar que essa pesquisa é fundamentada na gramática gerativa, de Noam Chomsky (1999). Portanto, investigamos o ensino/aprendizagem de sintaxe desenvolvido no Centro de Ensino Paulo VI e apresentamos algumas contribuições gerativistas, de Chomsky (1999), para maior eficácia no ensino do complemento nominal. Para tanto, utilizamos como aporte teórico os estudos de Chomsky (1999), Costa & Barin (2003), Cruz (2013), Kenedy (2013), além do recurso à fortuna crítica que já se formou em torno da temática em questão.

Palavras-chave: Linguística gerativa. Sintaxe. Complemento nominal.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo principal analisar a função sintática do complemento nominal, como prática pedagógica voltada para o ensino de língua portuguesa do ensino médio, no contexto educacional do Centro de Ensino Paulo VI. Vale salientar que a presente pesquisa faz parte de um projeto maior intitulado “Linguística Gerativa: reflexões sobre as estratégias de ensino/aprendizagem de sintaxe da língua portuguesa na educação básica”⁴. O presente estudo se sustenta na teoria gerativista de Noam Chomsky.

Conforme os ideais do gerativismo, a linguagem é considerada tácita, implícita, inconsciente e inerente ao ser humano; esse conhecimento refere-se à competência linguística

¹ Este artigo é fruto do Projeto de Pesquisa intitulado “Linguística Gerativa: reflexões sobre as estratégias de ensino/aprendizagem de sintaxe da língua portuguesa na educação básica”, financiado pela Universidade Estadual do Maranhão (PIBIC-UEMA), vale ressaltar que este foi premiado como a melhor pesquisa de iniciação científica da grande área de Linguística, Letras e Artes, em 2019.

² Graduanda do Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, atualmente é bolsista de iniciação científica do CNPq, monitora do Núcleo de Línguas da UEMA e pesquisadora do Grupo de Pesquisa TECER – Estudos de Tradução, Discurso e Ensino, gabriela.lages@outlook.com.

³ Professora orientadora: Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, atualmente é Professora Adjunta da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA e Pesquisadora do Grupo de Pesquisa TECER – Estudos de Tradução, Discurso e Ensino, anamariasapericuma@gmail.com.

⁴ Projeto de pesquisa – Edital N° 13/2018 – PPG/UEMA – PIBIC (CNPq/FAPEMA/UEMA).



ou conhecimento linguístico. A Faculdade da linguagem – outro conceito de grande relevância para os estudos gerativistas – “é, com efeito, a disposição biológica que todos os indivíduos humanos saudáveis possuem para adquirir uma língua e para produzir e compreender palavras, frases e discursos” (KENEDY, 2013, p. 15). No que se refere à lógica das representações arbóreas, que foi formulada por Chomsky (1970), aperfeiçoada por Ray Jackendoff (1977) e ficou conhecida como a Teoria X-barras:

é interessante e útil justamente porque ela nos oferece o modelo de representação arbórea capaz de dar conta de todos os tipos de relação sintática, seja de núcleo e complemento, ou a de especificador e núcleo ou ainda a adjunção de sintagmas. (KENEDY, 2013, p. 195 - 196).

Mas o que é sintagma? Como ele se constitui? A fim de responder a essas e outras questões, Kenedy (2013) enfatiza que um sintagma é:

um conjunto de unidades (seja um conjunto de palavras ou de outros sintagmas). Entretanto, um sintagma pode também ser constituído por somente uma palavra ou mesmo por nenhum elemento foneticamente realizado na frase. Para entender isso, lembre-se de que o conceito de sintagma é derivado do conceito de conjunto. Você deve lembrar-se da existência do conjunto unitário e do conjunto vazio. Para a sintaxe, o conjunto unitário é o sintagma formado por uma única palavra, enquanto o conjunto vazio é formado por um elemento sem matriz fonética (KENEDY, 2013, p. 182).

Nesse sentido, sintagmas são unidades significativas, que podem ser formadas por um ou mais elementos. Quanto às subcategorias, os sintagmas podem ser classificados de dois modos, a saber, lexicais e funcionais. Entretanto, como o intuito deste artigo é simplificar o estudo da sintaxe na educação básica, iremos nos ater aos sintagmas lexicais, que subdividem-se em: sintagma nominal (SN), sintagma verbal (SV), sintagma preposicionado (SP) e sintagma adjetival (SA); cujos núcleos são, respectivamente, um nome, um verbo, uma preposição mais um SN e um adjetivo.

METODOLOGIA

Inicialmente, investigamos o livro didático, doravante (LD), do Centro de Ensino Paulo VI para a análise do tratamento dado à função complemento nominal. Em seguida, realizamos a aplicação de um questionário aos alunos do 3º ano do ensino médio, a fim de investigar as principais dificuldades do corpo discente em relação ao processo de ensino/aprendizagem do complemento nominal. O referido questionário contém doze questões – dentre as quais selecionamos apenas quatro para fins de análise – ,vale ressaltar que foi aplicado em quatro turmas de 3º ano do ensino médio, num total de 114 alunos.



Para a análise do corpus, selecionamos a unidade 9 do livro didático do 3º ano do ensino médio – PNLD 2018 a 2020, *Se liga na língua- Literatura, Produção de texto e Linguagem*, de Wilton Orundo & Cristiane Siniscalchi, LD, adotado no Centro de Ensino Paulo VI. Em seguida, analisamos os planos anual e bimestral elaborados e cedidos pelas duas professoras de língua portuguesa, do 3º ano, do turno matutino, da escola pesquisada, a fim de identificar os principais métodos utilizados no ensino da função sintática de complemento nominal. E, por fim, propomos algumas possíveis contribuições para o processo de ensino/aprendizagem, sob um enfoque gerativista, considerando a intuição linguística e o conhecimento prévio do aluno. Para tanto, utilizamos como aporte teórico os estudos de Chomsky (1999), Costa & Barin (2003), Kenedy (2013), Cruz (2013), além do recurso à fortuna crítica que já se formou em torno da temática em questão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O cerne de nossas pesquisas se encontra na observação e análise do modelo morfossintático complemento nominal, sob o enfoque da Linguística Gerativista, pois constatamos as lacunas deixadas pela GT no estudo da língua, a começar pela própria concepção do termo sintagma, que ora é apenas citado, ora inexistente nesses estudos. Tendo em vista pressupostos gerativos como o conhecimento prévio do aluno, a faculdade da linguagem e o modelo da Teoria X – barra do linguista Noam Chomsky (1999), apontamos, a seguir, algumas definições para a natureza e organização do modelo morfossintático: complemento nominal.

Vale salientar que a análise do LD adotado no Centro de Ensino Paulo VI foi realizada a partir do estudo gramatical de pressupostos da gramática gerativa, traçando um paralelo com as gramáticas dos autores Cereja & Magalhães (2014), Ferreira (1995), Maria Luiza Abaurre et al (2015) a fim de investigar como vem sendo desenvolvido o estudo morfossintático da função complemento nominal na escola pesquisada, com o propósito de contribuir para a melhoria no ensino de língua portuguesa na referida escola.

O TRATAMENTO DADO À FUNÇÃO MORFOSSINTÁTICA COMPLEMENTO NOMINAL NO LD DO CENTRO DE ENSINO PAULO VI

No livro *Se liga na língua: Literatura, Produção de Texto e Linguagem*, de Ormundo & Siniscalchi (2016), adotado no Centro de Ensino Paulo VI, o complemento nominal é apresentado como “um termo integrante, previsto pelo sentido da palavra que complementa. O adjunto adnominal é um termo acessório” (2016, p. 301). Entretanto, percebemos que os autores cometem alguns equívocos, pois propõem uma definição confusa, que mescla as concepções de complemento nominal e adjunto adnominal, sem desenvolver, separadamente, uma conceituação mais clara dos respectivos termos. Além disso, ao apresentarem o complemento nominal, deixam implícita a ideia de que os estudos gramaticais partem de uma mera interpretação textual, como pode ser visto nos quadrinhos abaixo (Figura 1), sem levar em consideração que uma regra não pode ser comprovada com apenas um único exemplo.

Figura 1: Quadrinhos



Fonte: Ormundo & Siniscalchi (2016)

Já na página 301, os autores analisam o anúncio publicitário abaixo (Figura 2) a fim de conceituar o complemento nominal, bem como diferenciá-lo do adjunto adnominal. Observe:

Figura 2: Anúncio publicitário



Fonte: Ormundo & Siniscalchi (2016)

Na figura acima, os autores citam rapidamente o termo “Sintagmas Nominais” para efetuar a conceituação de complemento nominal, porém, sem apresentar nenhuma explicação sobre o significado do referido termo: “[...] essa diferença pode ser observada nos sintagmas

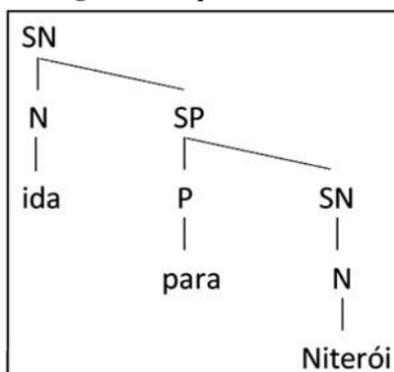


nominais. Um substantivo como *prevenção* precisa ter sentido completado por outra palavra, que identifica aquilo que deve ser prevenido. Essa palavra recebe o nome de *complemento nominal*. [...]” (2016, p. 301).

Portanto, no que concerne à diferenciação entre *complemento nominal* e *adjunto nominal*, no referido LD, são postos conceitos superficiais, que, podem gerar muitas dúvidas nos alunos. Entendemos que seria necessário explicar com maiores detalhes porque o *complemento nominal* pode ser considerado um termo integrante, previsto para complementar o sentido de um nome e não de um verbo. Por outro lado, ao analisarmos o complemento nominal (termo da GT - Gramática Tradicional / Normativa), segundo o olhar do Gerativismo, observamos mudanças desde a nomenclatura, que passa a ser a de *complemento não-verbal* – que segundo Kenedy (2013) é o complemento selecionado por um núcleo N (nome), A (adjetivo) ou P (preposição).

De fato, aderimos e defendemos os estudos de Kenedy (2013), pois esse autor propõe que o complemento nominal é um “complemento de um núcleo nome, adjetivo ou preposição”, conceito esse, que iria facilitar a compreensão do aluno sobre o uso efetivo dessa função sintática. Além disso, acreditamos que não seria possível abordar o complemento não-verbal sem demonstrar como ele é representado no esquema arbóreo, visto que nossa proposta tem como aporte teórico o gerativismo. Vejamos, então, como o complemento não-verbal encontra-se no esquema arbóreo representado abaixo (Figura 3):

Figura 3: Esquema Arbóreo



Fonte: Kenedy (2013)

Na figura acima, temos a representação arbórea da sentença “ida para Niterói”, na qual *para Niterói* é o complemento do nome (N) *ida*, portanto, trata-se de um complemento não-verbal. Entretanto, é importante esclarecer que nossa intenção, nesta pesquisa, não é levar puramente a teoria chomskyana para a sala de aula, mas sim, aplicar os princípios gerativistas básicos, tais como a técnica da eliciação, bem como os conceitos de competência e



desempenho linguísticos, entre outros, ao ensino de Língua Portuguesa, em especial o de complemento nominal, com o intuito de simplificá-lo.

Vale ressaltar que a *eliciação*, conforme as autoras Vicente & Pilati (2012), trata-se de uma técnica utilizada no ensino, que tem como finalidade extrair os *conhecimentos prévios* dos alunos, isto é, os conhecimentos que precedem a educação formal, antes de apresentá-lhes conteúdos novos. *Competência e desempenho linguísticos*, por sua vez, são, respectivamente, o *conhecimento* que temos a respeito da nossa Língua-E (língua do ambiente, como o português, por exemplo), e o *uso concreto* dessa Língua-E.

DEFINIÇÕES PARA O MODELO MORFOSSINTÁTICO EM OUTRAS GRAMÁTICAS

No livro *Conecte: português linguagens*, Cereja & Magalhães (2014) classificam o complemento nominal e o adjunto adnominal de um modo que pode gerar muitas dúvidas no leitor, uma vez que, logo no subtítulo do capítulo 32, os consideram “termos ligados ao verbo”, fato esse preocupante, pois é evidente que o complemento nominal, como o próprio nome esclarece, completa o sentido de um elemento não-verbal. Além disso, com o objetivo de tratar da temática em estudo, os autores comparam complementos de verbos e de nomes, pois demonstram que os verbos transitivos podem ser substantivados; e dessa forma, originar complementos nominais, tal como é evidenciado no exemplo: *Gostar dos estudos* (objeto indireto) / *O gosto pelos estudos* (complemento nominal).

Assim, o complemento nominal é conceituado sob um ponto de vista estritamente sintático, como “o termo que completa nomes, isto é, substantivos, adjetivos e advérbios” (CEREJA & MAGALHÃES, 2014, p. 367); mas também, a partir de uma análise morfossintática que “pode ter como núcleo substantivo ou palavra substantivada, pronomes e numeral”(CEREJA & MAGALHÃES, 2014, p. 367). Logo, os autores demonstram um tratamento normativo/prescritivo da língua portuguesa, que não é suficientemente elucidativo para os estudantes, por trazer unicamente regras prontas, sem levar o aluno a pensar sobre a própria língua materna.

No LD *Texto: análise e construção de sentido - volume único*, as autoras Maria Luiza Abaurre et al. (2015) afirmam que o complemento nominal “é o termo da oração que integra o sentido de certos nomes (substantivos e adjetivos) e advérbios, especificando sua relação com o termo cujo sentido completo é feito por meio de uma preposição” (ABAURRE, et al., 2015,



p. 400). O LD *Aprender e praticar gramática: teoria, sínteses das unidades, atividades práticas, exercícios de vestibulares*, de Ferreira (1995), por sua vez, na unidade 17, das páginas 235 a 237, traz a seguinte compreensão: o complemento nominal está para os “nomes de sentido incompleto”, tal como um complemento verbal (objetos direto ou indireto) está para os “verbos de sentido incompleto” (transitivos) e chega à conclusão de que o complemento nominal se refere a substantivos abstratos, adjetivos e advérbios.

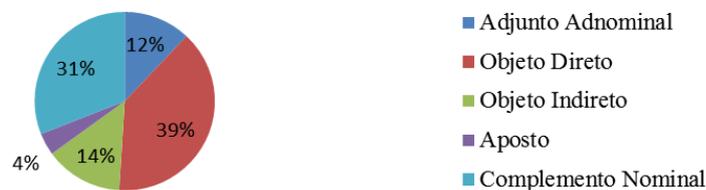
Vale ressaltar que, de modo geral, nos LDs aqui analisados, o complemento nominal foi abordado superficialmente. Além disso, percebemos que, de modo geral, nas gramáticas analisadas a diferenciação entre complemento nominal e adjunto adnominal recebeu uma maior ênfase. Todavia, o LD de Ferreira (1995) merece destaque, pois coloca em evidência o estudo da temática em questão, à medida que é, dentre os autores analisados, aquele que simplifica o estudo desse componente oracional e, portanto, se aproxima da conceituação gerativista, visto que Ferreira (1995) afirma que “o complemento nominal relaciona-se ao nome que ele completa sempre através de uma preposição” (p. 236).

ANÁLISE DOS PLANOS SEMESTRAL E ANUAL DOS PROFESSORES DE LP, DO CENTRO DE ENSINO PAULO VI

Ao analisarmos o plano de curso e bimestral, percebemos que o mesmo não contempla, de forma explícita, a função sintática do complemento nominal, o que, sem dúvidas, justifica a dificuldade apresentada pelos alunos ao responderem o questionário, que será discutido adiante. Por outro lado, pudemos notar que a disciplina de Língua Portuguesa, no Centro de Ensino Paulo VI, é trabalhada de forma interdisciplinar, com um enfoque na produção textual, fato entendido, nesta pesquisa, como positivo, considerando que a literatura especializada defende o ensino interdisciplinar na educação básica, visando a uma melhor educação linguística. A seguir, apresentaremos os resultados do questionário aplicado aos alunos do 3º ano da escola pesquisada.

Ao serem indagados sobre como se constitui o termo em destaque na frase “A leitura [do livro]”, obtivemos as consecutivas respostas:

Gráfico 1: Em "A leitura do livro" os termos em destaque formam um:

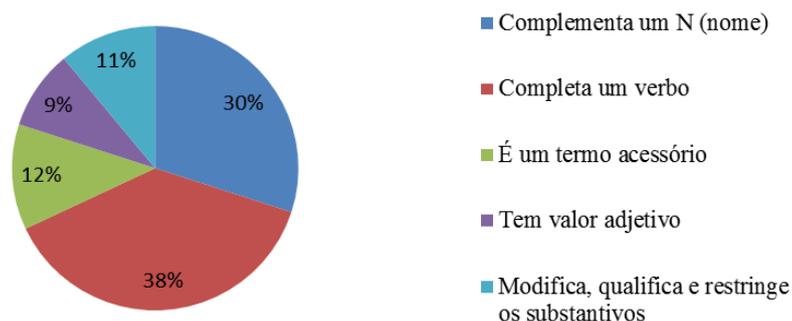


Fonte: Das autoras (2019)

Ao analisar tais resultados, percebemos que grande parte dos alunos, 39%, responderam que o termo em destaque é um objeto direto. Fato esse que é preocupante, visto que, segundo a gramática normativa, o objeto direto é o complemento de um verbo transitivo direto, sem o auxílio da preposição; sendo que na frase "A leitura do livro" não há nenhum verbo, o que nos leva a crer que os estudantes investigados não tinham domínio dessa regra, possivelmente memorizaram ao longo da educação básica.

Além disso, foi solicitado aos discentes que marcassem a opção que apresentasse o conceito de complemento nominal. Entretanto, é importante ressaltar que inserimos duas respostas "corretas", intencionalmente, uma fundamentada no gerativismo e a outra na gramática normativa (GT). Obtivemos as seguintes respostas:

Gráfico 2: O Complemento Nominal



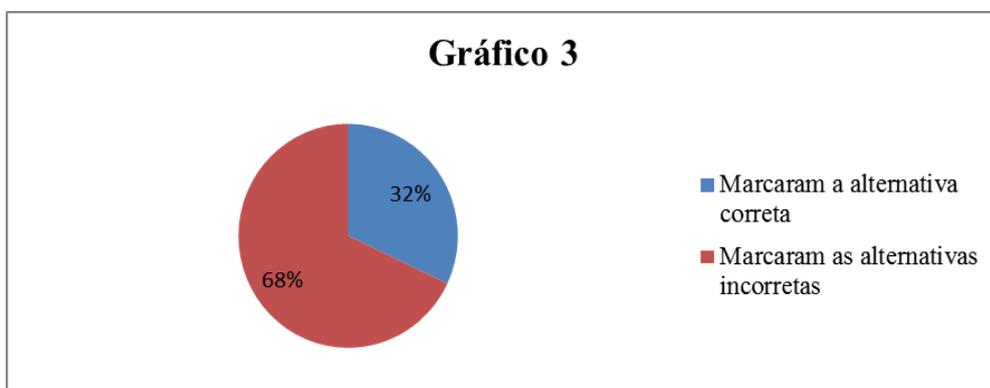
Fonte: Das autoras (2019)

Investigando esses dados, chegamos a duas conclusões inesperadas : (i) entre a conceituação gerativista e a normativa, a maioria dos alunos (30%) optou pela abordagem gerativa sobre complemento nominal, apesar de nunca terem sido a ela apresentados, o que pode comprovar que o gerativismo apresenta uma conceituação mais simplificada; (ii) 38% do alunado respondeu que o complemento nominal completa o sentido de um verbo, podendo subdividir-se em objeto direto ou objeto indireto, o que é extremamente alarmante, dado que



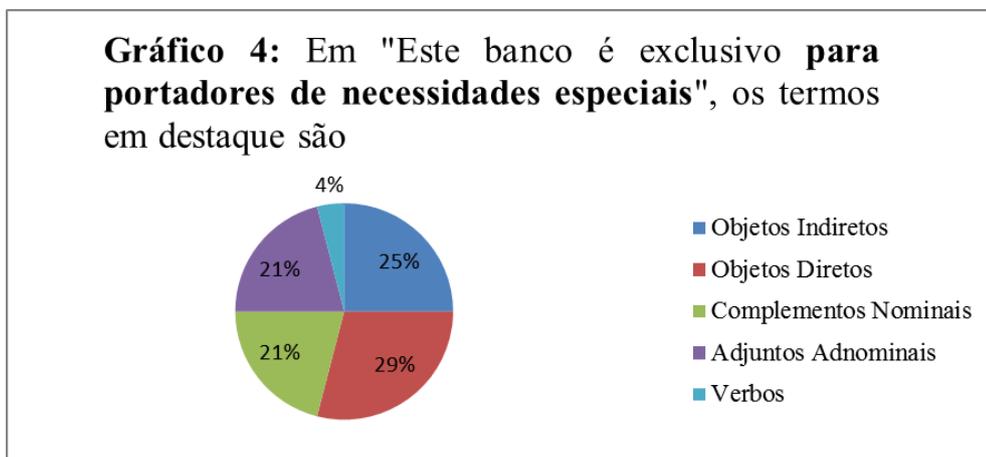
são alunos que estavam finalizando o ensino médio, que estudaram desde a tenra infância, no ensino fundamental, a gramática normativa, na qual foram apresentados os conceitos de complementos nominais, bem como os de complementos verbais.

Na próxima questão, foram citadas as seguintes frases: “O poeta morreu”, “A morte do poeta”, “A volta à casa paterna”, “Voltou à casa paterna” e “Doaram poucas canetas aos alunos”, e foi solicitado que assinalassem a alternativa que incluísse um complemento nominal. É relevante afirmar que a opção “correta” era a que continha a frase “A morte [do poeta]”, pois o termo em destaque completa o sentido do nome “morte”. Observe os resultados obtidos:



Fonte: Das autoras (2019)

Por fim, foi apresentada a frase “Este banco é exclusivo [para portadores] (de necessidades especiais)”, que foi retirada do LD adotado pela escola pesquisada, nesta feita foi solicitado que os alunos identificassem a que função os termos destacados faziam parte. Tivemos as seguintes respostas:



Fonte: Das autoras (2019)

Também nessa questão, os alunos confundiram complemento nominal com objeto direto, um dado inquietante, que comprova que os métodos de ensino e o material didático



precisam ser urgentemente repensados, pois os discentes estão concluindo o ensino médio sem, ao menos, compreenderem funções básicas da própria língua materna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa visou ressignificar o estudo sintático do complemento nominal, com suporte em um enfoque gerativo, considerando o conhecimento prévio do aluno, conhecimento internalizado que todo falante detém de sua língua materna. Esse saber transcende as experiências aprendidas na escola, em virtude dos discentes já possuírem vasto conhecimento sobre sua língua materna, por isso, o professor tem o papel de mediador entre o *conhecimento prévio* do aluno e os novos conhecimentos que serão adquiridos.

Além disso, consoante o linguista Eduardo Kenedy (2013), a noção de sintagma deve ser inserida no ensino/aprendizagem da língua e, assim, seriam reduzidas as funções sintáticas para apenas quatro, isto é: sujeito, predicado, complemento e adjunto. Consideramos a referida proposta como uma contribuição significativa para os estudos gramaticais, visto que as inúmeras subdivisões das funções não se fazem tão necessárias para o funcionamento da língua, bem como podem gerar ainda mais dúvidas nos alunos. Assim, reconhecemos esse estudo como um dos passos iniciais para a transformação da trajetória de um ensino fundamentado na memorização de regras e, por isso, fracassado, pois não tem dado conta do processo de ensino-aprendizagem de funções básicas, tais como o complemento nominal. Defendemos, portanto, um ensino reflexivo que garanta ao aluno a criação de hipóteses, para chegar a conclusões, e assim, compreender o funcionamento da língua, o que será possível a partir da valorização dos conhecimentos que o aluno traz consigo, ou seja, o conhecimento prévio ou competência linguística nas palavras chomskyanas.

Compreendemos, dessa maneira, que a diferença nos estudos morfossintáticos do complemento nominal está em explicar aos alunos que esse termo é selecionado por um núcleo, que pode ser um N (nome), A (adjetivo) ou P (preposição), simplificando assim a sua conceituação. Para tanto, será utilizada a *eliciação*, que segundo Vicente & Pilati (2012) é:

uma técnica de ensino que corresponde ao ato de extrair dos alunos informação previamente conhecida, antes que a eles seja apresentado conteúdo novo. Além de servir para relacionar conhecimento “velho” a conteúdos novos, a técnica acaba por mostrar ao aluno que este é parte ativa no processo ensino-aprendizagem (2012, p. 11).

A técnica da *eliciação* será, portanto, utilizada no ensino-aprendizagem de complemento nominal, no instante em que os alunos refletirem sobre conhecimentos que eles



já possuem, como por exemplo a diferenciação entre *nome* e *verbo*, em diferentes sentenças, o que levará o estudante a compreender que o complemento nominal (não-verbal, segundo o gerativismo) complementa um nome – e não um verbo, como infelizmente foi respondido no questionário. Nessa perspectiva, seguindo um viés teórico-metodológico da gramática descritiva de orientação gerativa, esta pesquisa almejou conceder subsídios para que os discentes possam entender o fenômeno da análise da função sintática do complemento nominal, e, dessa maneira, desenvolver a competência discursiva para interagir em diversas situações nas quais a linguagem seja o principal elemento, tais como: falar, escutar, ler e escrever.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luiza M. **Gramática - Texto: análise e construção de sentido** - volume único / Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara. São Paulo: Moderna Plus, 2015.

CEREJA, William Roberto. **Conecte: português linguagens**: volume único / William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães. - 1. ed. - São Paulo: Saraiva, 2014.

CHOMSKY, Noam. **O Programa Minimalista**. Lisboa: Ed. Caminho, 1999.

COSTA, Matheus Mario; BARIN, Nilsa Teresinha Reichert. **Sintaxe Gerativa: reflexões para a prática pedagógica da língua portuguesa**. Artes, Letras e Comunicação. Santa Maria, v.4, p.399, 2003.

CRUZ, Arion de Souza. **Ensino de gramática em perspectiva gerativista: o complemento nominal e o adjunto adnominal**. Disponível em: <
<http://periodicos.unb.br/ojs248/index.php/intercambio/article/view/13158/9238>> . Acesso em: 22/11/18.

FERREIRA, Mauro – **Aprender e praticar gramática: teoria, sínteses das unidades, atividades práticas, exercícios de vestibulares**: 2 grau. São Paulo: FTD, 1992.

KENEDY, E. **Curso básico de linguística gerativa**. 1^a. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. **Possíveis contribuições da linguística gerativa à formação do professor de língua portuguesa**. Revista de Letras (Fortaleza) , v. 1, p. 72-79, 2013.

ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua**: literatura, produção de texto, linguagem. São Paulo: Moderna, 2016.

VICENTE, Guerra Helena; PILATI, Heloísa. **Teoria Gerativa e “Ensino” de gramática: uma releitura dos Parâmetros Curriculares Nacionais**. VERBUM- Cadernos de Pós-Graduação, n.2, p.4-14, 2012.